

## **Blog: orientações de ensino em um livro didático do Ensino Médio**

Antonio Artur Silva CANTUÁRIO (UESPI)  
antonioartursilvacantuario@hotmail.com

CANTUÁRIO, Antonio Artur Silva.  
Blog: orientações de ensino em um livro didático do ensino médio. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p. 137-148, jan./jun. 2017.

**Resumo:** Os gêneros digitais constituem-se em importantes instrumentos de ensino de língua materna, haja vista as inúmeras possibilidades didáticas para trabalhar com eles em sala de aula. Vislumbra-se, pois, verificar, em um livro didático recomendado pelo PNL, de que modo o gênero blog é didatizado e proposto à produção, que orientações de ensino desse gênero digital podem ser vistas no material didático, bem como averiguar que alterações sofre ao ser transposto de seu suporte natural, a web, para essa obra didática. Utilizou-se para as análises o livro didático *Gêneros em rede: leitura e produção de texto*, que trata do gênero blog no capítulo 21. Como procedimento de investigação, utilizou-se um formulário que sugere algumas provocações acerca da inserção do gênero blog na dimensão do livro didático. Tem-se como aporte teórico Bakhtin (2011) sobre os gêneros textuais e Marcuschi e Xavier (2010) sobre os gêneros digitais. Bawarshi e Reiff (2013), Freenberg (2010)

e Schneuwly (1999) ajudam também a compor o cenário teórico desta pesquisa. A atividade de produção encontrada orienta que os discentes adentrem, de fato, no ambiente virtual. Constatou-se também que não houve perdas significativas em relação à dinamicidade de alguns recursos estilístico-composicionais peculiares aos gêneros do ambiente digital: as clicagens, os hipertextos, as animações, os emoticons, etc. Quanto às referências teóricas trazidas pelo livro, este contempla definições e abordagens de ensino pautadas na perspectiva sociointeracionista da teoria de Bakhtin (2011) sobre os gêneros discursivos.

**Palavras-chave:** Blog. Livro didático. Orientações de ensino.

**Abstract:** Digital genres constitute important teaching tools of mother tongue, given the numerous educational possibilities of working these electronic discourse in the classroom. One glimpses therefore verify, in a textbook recommended by PNLD, how the blog genre is didatizado and proposed to the production that this digital gender teaching guidelines can be seen in the teaching material, as well as ascertain that changes suffers when be transposed from its natural support, the web, for this didactic work. It was used for the analyzes the textbook networking Genres: reading and text production that comes to blog kind in chapter twenty-one (21) and as a research procedure used a form that suggests some teasing about gender inclusion blog on the size of the textbook. It has as theoretical support Bakhtin (2011) about the genres and Marcuschi and Xavier (2010) on the digital genres. Bawarshi and Reiff (2013), Freenberg (2010) and Schneuwly (1999) also help make up the theoretical scenario of this research. The production activity guides found that students adentrem, in fact, to the virtual environment. It was also found that there were significant losses in relation to the dynamics of some stylistic-compositional features peculiar to the genres of the digital environment: clicagens, hypertext, animations, emoticons, etc. As for the theoretical references brought the book, this includes definitions and teaching approaches guided by the sociointeractionist perspective of Bakhtin's theory (2011) on the genres.

**Keywords:** Blog. Teaching guidelines. Textbook.

## Introdução

A diversidade de pesquisas em que o objeto de estudo e as teorias utilizadas se voltam aos gêneros do discurso ganhou territórios imensos. Não são recentes essas pesquisas no Ocidente, no entanto, muitas concepções foram refinadas e outras perspectivas nasceram.

Hoje, a configuração que se tem sobre os estudos com gêneros textuais é bem diferente, se comparado aos postulados aristotélicos. Como enfatiza Bhatia (1997, apud MARCUSCHI, 2008), essa nova forma de estudar os gêneros discursivos ganha seu espaço num tempo oportuno, pois incorporou um olhar mais amplo de outras ciências (sociologia, antropologia, literatura, análise do discurso).

Frente a essa complexidade dos gêneros discursivos, é adequado situá-los em relação ao planejamento das aulas da educação básica, em especial, no ensino de língua materna. Embora concebam trabalhar com os gêneros que estejam presentes no cotidiano dos alunos, os PCN ainda

reverberam incerteza no que diz respeito ao ensino de gêneros textuais, pois deixam transparecer o favorecimento aos textos essencialmente escritos. Nota-se isso quando se constata a grande variedade de livros didáticos canonizando alguns gêneros, em geral, os mais formais e da comunicação escrita, e utilizando textos periféricos nas sequências didáticas, com pouco grau de discussão e de variedade.

Com o avanço digital, muitos gêneros nasceram e outros foram transpostos de seu suporte original para compor outros gêneros no ambiente virtual. Em meio a tantas ferramentas e recursos virtuais, essa nova emolduração tem alterado, em boa parte, a substância dos gêneros, fazendo com que alguns deles deixem o seu meio recorrente e passem a elencar novas formas de discurso. Nesse sentido, a era dos computadores propiciou também o surgimento de gêneros mais recentes, que circundam esse ambiente com diversas semioses.

Bakhtin (2011, p. 280) já alertava para essa recategorização de gêneros, considerando que os discursos sofrem, no tempo e no espaço, mudanças decorrentes das novas demandas da sociedade, processo este que evidencia a evolução dos gêneros e/ou sua transmutação para a composição de novos gêneros textuais. Por mais híbridos que sejam, “os tipos relativamente estáveis”, concernem a enquadramentos que só permitem determinadas situações de uso. Logo, os gêneros só se materializam porque surgem da necessidade que o enunciador tem de expressar determinados interesses comunicacionais e é dessa definição que os gêneros, para tanto, são estruturados em tema, estilo, e composição estrutural.

Freenberg (2010) anuncia que os textos do ambiente virtual (suporte) são essencialmente escritos, porém ganham um novo formato, agregando elementos audiovisuais à sua composição. Marcuschi (2008) reitera isso, afirmando que os gêneros digitais são, sobretudo, gêneros textuais que ganham aquele nome em face do suporte que os contempla, a web. Quanto à natureza verbal desses gêneros (digitais), pode-se dizer que não existe presença face a face dos agentes, mas nem por isso podemos reconhecer uma não interação, que para Komesu (2010, p. 144) é a “interface entre usuários e máquina, mas também da possibilidade de contato entre o usuário e outros usuários, na utilização de ferramentas que impulsionam a comunicação de maneira veloz”. Isto é, a interação consiste não somente na relação usuário-usuário, mas no próprio relacionamento dos indivíduos com a máquina (suporte digital), que possibilita outros modos de construir sentidos nesse

processo dialógico.

Marcuschi (2008) lista alguns gêneros digitais emergentes: chat em aberto, chat reservado, chat agendado, chat privado, entrevista com convidado, aula chat, videoconferência, endereço eletrônico, webblogs. Destes, os mais recorrentes e usados são os chats e webblogs.

Considerando os gêneros digitais como importantes ferramentas para o ensino de língua materna e a relevância dos livros didáticos (instrumentos de auxílio aos professores na sala de aula) para o desenvolvimento das aulas de língua portuguesa, vislumbra-se verificar como, transpostos de seu suporte natural – a web, o gênero blog é descrito, classificado e proposto à produção em um manual didático recomendado pelo Programa Nacional do Livro Didático-PNLD/ Triênio 2012-2013-2014.

Diante do panorama de discussão dos modelos de ensino de língua materna e da proposta que vem se consolidando no Brasil, de tomar o texto em seus diversos gêneros como objeto de ensino e aprendizagem, é importante ampliar e aprofundar conhecimentos, discutir e avaliar como essas diretrizes se efetivam nos livros didáticos no que diz respeito aos gêneros da esfera digital, já que à escola cabe formar pessoas capazes de exercer sua cidadania num mundo cada vez mais interativo pelas infovias da comunicação.

No âmbito docente, esta pesquisa poderá, nesse sentido, oferecer subsídios também para uma visão mais balizada e apreciativa acerca dos livros didáticos que apresentam propostas nesse sentido, contribuindo para uma forma crítica de usá-los em sala de aula.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Ao empregarmos uma língua, estamos utilizando, simultaneamente, enunciados que refletem as condições e finalidades que deseja o enunciador. Logo, nesse prospecto comunicativo da língua, Bakhtin (2011) denomina como gênero do discurso todo ato de interação que vislumbra uma finalidade específica do locutor.

Bakhtin (2011) apresenta para a construção do enunciado três aspectos: conteúdo temático, estilo e construção composicional, os quais são indissociáveis e os quais perpassam por toda a esfera de comunicação. O tema seria não apenas o que se quer dizer, mas um conjunto complexo de ideologias que pretende o falante no ato discursivo efetivo; o estilo é de fato o uso dos recursos da língua – léxico, construções sintáticas

e morfológicas, recursos fraseológicos; e a construção composicional elucida os componentes estruturais da comunicação.

Logo, o referido teórico, a partir desta divisão, concebe os gêneros do discurso como sendo um enunciado individual ou coletivo, todavia construído com base em recursos “estáveis” específicos, o que não extingue o seu caráter de heterogeneidade. Fica bem claro que os gêneros, apesar de suas particularidades, exprimem caráter heterogêneo, pois quem fala não discursa sem razões ideológicas ou fala somente por instinto natural, mas enuncia porque exprime nessas construções necessidades individuais, utilizando-se de variados recursos da linguagem.

É necessário salientar também que, por mais híbridos que sejam os gêneros, estes apresentam enquadramentos que só permitem determinadas situações de uso para serem utilizados. Isso nos permite dizer que os gêneros só se materializam porque surgem da necessidade que o enunciador tem de expressar determinados interesses comunicacionais.

Conforme Bakhtin (2011), existem duas classificações para o gênero do discurso: primário e secundário. Os gêneros primários são aqueles constituídos na comunicação verbal do cotidiano, em situações discursivas menos complexas e imediatas. Os secundários são os relacionados a situações mais formais de comunicação (romances, dramas, pesquisas, etc.), sendo transmutações de gêneros primários. Para Bazerman (2006), um conjunto de gêneros, diacronicamente, agrega outros conjuntos de gêneros, o que possibilita as complexas relações as quais os gêneros apresentam e seus usuários também.

Deste modo, nesse processo de mudança dos gêneros, as negociações que os usuários fazem no âmbito linguístico permitem que as formas de discurso sejam recategorizadas de acordo com suas finalidades sociointerativas. Bakhtin (2011) explica isso considerando as ações ideológicas dos “eus” do discurso, que interagem por meio de negociações linguísticas que visam estabelecer contratos comunicativos em determinados contextos para o fluir da enunciação. É nesse processo de “trocas” pelos discursos que se estabelece a recontextualização.

Sobre a estilística dos gêneros de discurso, Bakhtin (2011) anuncia que há não separação entre estilo e gênero; ao passo que os gêneros se modificam na evolução dos tempos, assim modificam-se os estilos, tornando-os relativamente instáveis. Desse modo, é isso que verificamos também nos gêneros emergentes no ambiente virtual,

considerando suas variedades de construções de sentido e de estilos (emotions, por exemplo), pois se encontram num suporte cada vez mais dinâmico, a internet. Ademais, a variedade dos gêneros textuais e digitais ocorre em meio às variadas necessidades comunicacionais, que por sua vez são consideradas em meio a relações sociais que norteiam os falantes a usar, diariamente, novas formas de interagir face a face e/ou virtualmente.

Com foco nos gêneros que emergiram e têm emergido no contexto da internet, Bawarshi e Reiff (2011) exortam que os ambientes virtuais, bem como as habilidades humanas, facilitam esse processo de mudança no que se refere ao jeito de se comunicar, assim como criar outros espaços de interação os quais permeiem, fluentemente, a comunicação através dos gêneros.

Ainda sobre o meio digital, é evidente o modo como as ferramentas da tecnologia, sobretudo a internet, têm revolucionado as práticas pedagógicas na sala de aula. A inclusão dos gêneros digitais também é uma das consequências da inclusão das tecnologias da educação no ambiente escolar pois, cabe também à escola equipar e instruir seus alunos para a “sobrevivência social”. Trupe (2002, apud BAWARSHI; REIFF, 2013, p.198), em sua pesquisa sobre gêneros no meio digital, constatou que os gêneros usados na esfera digital demandam de seus usuários outras habilidades de letramento, e que o desenvolvimento dessas habilidades, no ambiente escolar, necessita de metodologias pedagógicas cada vez mais alinhadas ao desenvolvimento da tecnologia.

Logo, os gêneros no ambiente digital são recategorizados por habilidades que a tecnologia exige de nós, com manipular bem o computador e saber utilizar os elementos hipertextuais que os compõem. Assim, Bawarshi e Reiff (2011, p. 198) enunciam que “atendendo a esse apelo, alguns estudos recentes têm explorado a integração dos gêneros na sala de aula para o ensino de gêneros orais e escritos.”

Deste modo, as orientações dadas pela maioria dos estudiosos de gênero no contexto das novas mídias é a de que os gêneros digitais, de fato, são instrumentos adequados ao processo de letramento e à integração das tecnologias ao ensino de língua portuguesa, na sala de aula.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Como aporte teórico-metodológico, utilizou-se a teoria sobre

os gêneros do discurso com base em Bakhtin (2011), tendo em vista o conceito adotado por este trabalho em relação aos gêneros discursivos, dialogando com tal proposta teórica ao entendê-los como formas dinâmicas e situadas sociohistoricamente, por isso, relativamente estabilizados. Foram focalizados aspectos estilístico-composicionais relacionados ao gênero em estudo, o blog, bem como o aspecto contextual inerente aos gêneros discursivos.

As análises se procederam a partir de leituras e análises do capítulo 21, que trata do gênero blog, constante no material didático intitulado Gêneros em rede: leitura e produção de texto, considerando-se, para tanto, a quantificação (dos gêneros digitais nesses livros didáticos), definições, classificações, espaço de produção textual e compreensão e as orientações teóricas subjacentes a essas obras.

## **ANÁLISE**

As discussões acerca desse gênero têm início com uma breve retomada do termo “blogosfera”, que, segundo o material didático, é um conjunto de weblogs interconectados numa vasta comunidade virtual. Adiante, traz-se uma particularidade breve do blog, quando se ressalta que este tem uma identidade quanto a usos contextuais da linguagem. A afirmativa se consolida melhor quando as autoras dizem que

Cada blog, contudo, tem particularidades relacionadas às características do autor (idade, sexo, etnia, escolaridade, etc.); a seu papel social (profissão, ocupação); a seus interlocutores, aos temas e à finalidade da publicação; ao momento de produção (ano, dia, hora, etc.). (CAMPOS; ROCHA, 2013, p.266)

Ou seja, vê-se nesse cenário, uma comprovação do que afirma Bakhtin (2011), ao dizer que os gêneros também têm suas instabilidades na sociedade e no seu processo histórico, relacionados diretamente à linguagem.

No entanto, a teoria do gênero de Bakhtin (2011) postula também os aspectos que a história e a sociedade preservam de um determinado gênero. Campos e Rocha (2013) fazem essa reiteração também ao dizerem que o blog, apesar de sua parcial individualidade, tem algumas características que o definem:

- identidade visual;
- atualização cronológica de postagens;
- espaço para o leitor comentar, sugerir, criticar e debater os assuntos;

- perfil de usuário;
- conexão do blog com redes sociais.

O primeiro tópico se dá na medida em que alguns elementos (emotions) são usados para aproximarem ou criarem um contexto emocional/sentimental (subjetivo), pois “o blog é concebido como um espaço em que o escrevente pode expressar o que quiser na atividade da (sua) escrita, com a escolha de imagens e de sons que compõem o todo do texto veiculado”. (KOMESU, 2010, p.139).

O segundo tópico, conforme orienta Komesu (2010), remete ao aspecto temporal (sincrônico) do blog. Ou seja, as interações podem ocorrer tanto no momento da postagem como em um tempo posterior a ela. O tópico três traz em si uma grande importância, que é a de estabelecer a interação discursiva nesse gênero, às vezes mediada também por pontuação (interrogação).

Reiteramos isso de maneira mais clara nas palavras de Komesu (2010, p.146), quando orienta que “em termos de interatividade, a inserção de um enunciado interrogativo ao término de um relato pessoal pode ser interpretada como um apelo explícito à participação do outro”.

Os quarto e quinto aspectos dizem respeito ao perfil de quem usa esse gênero e à marca que diferencia o diário virtual do escrito.

Ademais, as autoras apresentam a seção “Como construir um blog?” para direcionar os alunos ao processo de construção do gênero em questão, citando os procedimentos como forma de direcionar os discentes a uma possibilidade adequada de (re)produzir do gênero:

- Entre no site (blogger.com);
- Dê um título a seu blog e ao endereço da página;
- Escolha uma entre as opções de template (layout);
- Você já pode inserir o primeiro post.
- Sugestões como mudança da cor da fonte ou outras configurações da página serão feitas de acordo com as orientações do blog.

Vê-se, nessas dicas, aspectos eminentemente ligados à composição do gênero, e também, pelo conceito de suporte trazido por Marcuschi (2008), uma forte ligação ao suporte que contempla o gênero “blog”, quando nos orientamos pela última sugestão.

Em seguida, as autoras trazem duas propostas de produção do gênero estudado. A criação de uma página coletiva ou a criação de um blog individual. Vejamos as duas propostas:

- Juntem-se em grupos e criem um blog colaborativo com foco em sua cidade. O objetivo é propor soluções específicas para os problemas

do local onde vivem. Para isso, combinem o formato da página, estabeleçam regras de uso do blog e criem o perfil da comunidade. É importante especificar alguns eixos temáticos a serem tratados, como bens naturais comuns, equidade, cultura de paz, justiça social, planejamento urbano consumo consciente, educação para sustentabilidade, mobilidade urbana, etc.

- Crie um projeto para produção de um blog pessoal. Alguns temas: jogos e campeonatos de futebol, capítulo de seriados e novelas, lançamento de livros, publicação em quadrinhos, artigos jornalísticos. Use a criatividade e busque algo que lhe traga prazer de escrever. Para isso, é importante definir o objetivo a página e definir o perfil de leitor que se pretende alcançar. (CAMPOS; ROCHA, 2013, p.276-277)

Temos, nas duas situações, iniciativas que buscam consolidar no aluno os conhecimentos que foram trazidos ao longo do conteúdo ministrado. Sob um olhar mais teórico (viés bakhtiniano), no primeiro caso há um forte apelo ao conteúdo temático e à finalidade discursiva do blog.

Na proposta seguinte, verificamos uma forte tendência à concepção reproduzida nos PCN (BRASIL, 1999) quanto à sugestão dos temas, que são de situações que os alunos vivenciam e, ainda, a proposta de relacionar os diversos gêneros (intergenericidade) nas bases dos estudos marcuschianos.

Quanto às atividades de fixação e interpretação de texto, temos os seguintes questionamentos:

1. Pelo título e subtítulo do blog, levante hipóteses: qual é o objetivo dessa página na web?
2. O título do blog está relacionado ao formato gráfico da página: um caderno. Explique essa informação e o uso desse recurso.
3. Começando da parte superior e direção à inferior, identifique os elementos verbais e visuais que compõem o post.
4. Identifique que aspectos da informação são destacados no título e na mensagem. Explique por que tal seleção é importante.
5. O blog Brasil Acadêmico é colaborativo. Pelos aspectos analisados, explique o que o diferencia do blog pessoal Dilemas de Pós-Adolescência.
6. Há interlocutores distintos em diários íntimos e diários virtuais?
7. Que características de um diário íntimo se mantêm no post do blog?

Acima, são apresentadas sete questões que buscam capacitar os alunos a relacionarem o gênero aos seus elementos de composição, à função social do referido gênero e algumas questões de interpretação direcionadas a um texto específico.

As atividades 1 e 2 norteiam para o trabalho com os dois aspectos estabelecidos por Bakhtin (2011): finalidade discursiva do gênero, estilo e composição. Já a atividade 3 se volta para a interpretação de texto propriamente dita. A questão 4 remonta à labuta com os elementos estilísticos do gênero em pauta, e a questão 5 diz respeito às diferenciações que existem entre os dois tipos de blog: o colaborativo e o pessoal.

A atividade 6 procura investigar a (não) presença de interlocutores variados para um mesmo gênero, permitindo que os alunos investiguem detalhes que os façam perceber essa ocorrência ou não. E a atividade 7 orienta para o trabalho com as características que tornam um gênero estável.

Assim, com vistas a essas descrições, as autoras caminham rumo a uma didatização do gênero com base tanto em questões interpretativas, explorando aspectos inerentes à composição, ao tema e ao estilo do gênero, bem como tentam mediar essas questões com a produção solicitada, no intuito de que os alunos possam tecer diálogos entre o que se aprende via atividade de interpretação e a produção do gênero.

Além disso, outro aspecto em relação à didatização do conteúdo é a disposição das questões que se iniciam com foco no contexto e nos interlocutores e adiante exploram, de modo mais acentuado, as características do gênero, prevendo então uma abordagem que leva em conta tanto a estrutura quanto o contexto no qual o gênero se encontra.

## **CONCLUSÃO**

O intuito deste trabalho foi descrever a abordagem do gênero “blog” no livro didático. Nesse sentido, constatou-se que as metodologias e a teoria utilizada no material didático atendem a uma proposta de ensino de gênero que encaminha os alunos a entenderem como os gêneros funcionam dentro de contextos e a serviços dos interlocutores, tendo uma lógica de como organizar o que se pretende dizer para cumprir determinadas finalidades comunicativas.

Concluiu-se também que a didatização do blog nesse manual

didático não acarretou perdas significativas quanto aos elementos que o constitui (clicações, hipertextos, imagens, sons, etc.), tendo em vista que tanto fora solicitado a produção do gênero em seu suporte natural, como aspectos relacionados ao seu estilo, composição e temática foram trabalhados ao longo das atividades de interpretação.

Considerando-se o todo do livro didático, percebeu-se que o espaço destinado ao trabalho com gêneros do ambiente digital, como o blog, ainda é restrito, embora já se perceba um avanço quanto a sua inserção nesses materiais.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAZERMAN, Charles. Gêneros textuais, tipificação e interação. In: PAIVA, Ângela; HOFFNAGEL, Judith Chambliss. (Org). São Paulo: Cortez, 2006.

BAWARSHI, Anis S.; REIFF, Mary Jo. Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino. São Paulo: Parábola, 2011.

CAMPOS, Mara Inês; ROCHA, Regina Braz. Gêneros em rede: leitura e produção de texto. São Paulo: FTD, 2013.

FREENBERG, Andrew. A fábrica ou a cidade: qual o modelo de educação a distância via web? In: NEDER, Ricardo T. (Org.). A teoria crítica de Andrew Freenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia. Cadernos Primeira Versão Construção Social da Tecnologia, 2010. (material destinado a fins didáticos).

KOMESU, Fabiana Cristina. Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet. In:

MARCUSHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. São Paulo: Cortez, 2010.

MASCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. São Paulo: Cortez, 2010.

PAIVA, V. L. M. O. E-mail: um novo gênero textual. In: MASCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. São Paulo: Cortez, 2010.

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto: novas formas de construção de sentido. In: MASCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. São Paulo: Cortez, 2010.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. Revista Brasileira de Educação, n. 11, p. 27-40, maio/ago. 1999.

XAVIER, Antônio Carlos. Letramento Digital e Ensino. Disponível em <http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>. Acesso em: 15/05/2010.

Recebido em: 17/07/2016  
Aceito em: 11/10/2016